



ariús

Revista de Ciências Humanas e Artes

ISSN 0103-9253

v. 16, n.1/2, jan./dez. 2010

# As Artes da Tirania: sexo, Foucault e Teoria *Queer*

---

ADRIANO AZEVEDO GOMES DE LEÓN

---

Universidade Federal da Paraíba

## RESUMO

Nesse artigo eu apresento uma breve discussão sobre as idéias de Michel Foucault acerca da sexualidade e a Teoria *Queer*. A partir de conceitos escolhidos, o texto tenta construir um modelo metodológico para investigações sobre a temática proposta. O texto aborda o dispositivo da sexualidade de Foucault, ingressando numa apresentação dos principais pontos da Teoria *Queer* e suas bases metodológicas com base na rejeição ao binarismo da linguagem em relação à sexualidade

**Palavras-chave:** Sexualidade. Michel Foucault. Teoria *Queer*.

## Tyrannical Arts: sex, Foucault and *Queer* Theory

## ABSTRACT

In this paper, I present and discuss some important concepts from Michel Foucault's theory regarding sexuality. The paper tries to build a methodological approach to investigate the subject using the concepts chosen. This paper focuses on Foucault's device of sexuality, presenting the main points of the queer theory and its methodological structure, based on the refusal of binary language concerning sexuality.

**Key words:** Sexuality. Michel Foucault. *Queer* Theory.

**Adriano Azevedo Gomes de León**

Doutor em Sociologia pela UFPE. Professor da Universidade Federal da Paraíba.

Email: leontut@uol.com.br.

## 1 O que tem Michel Foucault a nos dizer sobre o sexo?

“Há mais idéias no mundo que as que imaginam os intelectuais” Michel Foucault

Michel Foucault (1926–1984) foi um homem movido pelo que F. Nietzsche chamava de *intemperividade*. Foi um pensador que mais se preocupava em escavar com suas ferramentas arqueológicas os monumentos intocáveis de um saber que se auto-proclamava totalizante – a Ciência Moderna. Depois dele, nada mais havia de universal, evidente ou natural.

Foucault definia o perfil geral de seu pensamento a partir de uma análise crítica, histórica, dos modos de constituição do sujeito: quais práticas adotadas pela nossa sociedade para converter os seres humanos em sujeitos. Em seu enfoque analítico do sujeito, Foucault se compromete a revelar, denunciar e, em última instância, anular a forma específica de violência, isto é, as formações de poder que operam no jogo filosófico. O que na verdade interessava a Foucault era a materialidade das idéias, o fato que elas existam em um espaço de intermédio, apanhadas em uma rede de condições materiais e simbólicas entre o texto e a história, entre a teoria e a prática, e nunca em nenhum desses pólos. Seu percurso epistemológico é de uma filosofia das relações, dos espaços intermediários e, neste sentido, Foucault representa a antítese absoluta da Sociologia. Os sujeitos não instituem as práticas; as práticas instituem os sujeitos.

A questão que inaugura em Foucault a vontade de escavar o que havia de científico sobre a sexualidade é o fato de haver um certa naturalização nos conceitos ligados à sexualidade. Tais conceitos sobrepunham quaisquer noções mais abstratas sobre o sexo, impondo a este uma noção biológica universal para todo e qualquer humano em toda e qualquer época. Assim, durante os dez últimos anos de sua vida, Foucault se debruçou sobre esta temática através de escritos como a *História da Sexualidade* (três tomos) além de uma série de materiais diversos<sup>1</sup> capazes de sacudir o pó e o mofo daquilo que se dizia sobre sexualidade até então.

No 1º tomo da *História da Sexualidade*, lá pelos idos de 1970, Michel Foucault faz uma narração avessa a tudo que se havia dito sobre sexo a partir da história sobre a repressão sexual na época vitoriana. Rechaçando a hipótese repressiva<sup>2</sup>, ele afirmou que o século 19 não indicava a proibição de falar sobre sexo, mas ao contrário,

uma vasta proliferação de discursos sobre sexualidade.

De acordo com ele, a sexualidade não é algo natural na vida humana, mas uma série de conceitos construídos a partir de experiências cujas raízes são históricas, sociais e culturais, muito mais do que biológicas. Nada de buscar a verdade sobre o sexo, e sim procurar investigar como os discursos sobre o sexo produziram práticas sobre este.

Não seria o sexo biológico que definiria as práticas sexuais, mas ao contrário: os ditos sobre o sexo definem o que se pensa sobre este como algo extremamente biológico. Tomemos como exemplo a palavra *gay*. No século 19, a palavra *gay* (alegre) era usada para designar mulheres de dupla reputação. Na década de 1960, em plena Era de Aquário na qual os sentidos deveriam ser libertos de toda repressão, o vocábulo *gay* se torna sinônimo de homossexual masculino. Assim, ao invés de assinalar uma posição de estigma social (ser homossexual), a palavra *gay* passa a representar uma posição de resistência (ser alegre por ser homossexual)<sup>3</sup>. É claro que depois este termo vai passar a ter um caráter mais pejorativo, mas já não de doença, de um segredo aterrorizante.

A partir da década de 1980, Michel Foucault passa a ser lido por um grupo de estudiosos anglo-saxões reunidos em torno dos *Gender Studies*, muito embora o compromisso de Foucault com o feminismo e com uma atitude, digamos, mais concreta em relação aos movimentos de liberação sexual nunca tenha existido de fato.

O que me proponho aqui não é defender Foucault das acusações dos movimentos feministas, gays ou transexuais. Pretendo não mais do que percorrer o campo analítico percorrido por ele na definição do que seria sexo, sexualidade, discurso e controle sobre os corpos.

## 2 ESCAVANDO, EXAMINANDO, CONECTANDO VESTÍGIOS

Para se compreender a trajetória analítica de Foucault sobre a sexualidade deve-se partir da premissa que para ele esta idéia está sempre ligada a uma outra – a identidade. Numa sociedade dita disciplinar “se exige

<sup>1</sup> Copilados, na sua maioria, nos volumes de Ditos e escritos, organizados aqui no Brasil por Manoel Barros da Motta a partir de 2000, numa série de cinco volumes temáticos.

<sup>2</sup> Aquela que se contentava em acreditar que todos os discursos sobre a sexualidade nada mais visavam senão a repressão ao sexo.

uma correspondência rigorosa entre o sexo anatômico, o sexo jurídico e o sexo social: estes sexos têm que coincidir e formam uma das colunas da sociedade” (LUCEY, 2001). Na sociedade moderna se presume que cada indivíduo tenha sua identidade sexual primeira, única e determinante. Para Foucault isto seria impensável. Ao lado de Gilles Deleuze, ele preferia o conceito de despersonalização: para alguém, a personalidade só é dada quando este alguém se deixa transpassar pelas multiplicidades que o atravessam continuamente, a partir do mais severo exercício de despersonaliza-se<sup>4</sup>. Só desta forma, o indivíduo seria capaz de se livrar da fórmula perversa poder-verdade-prazer. Neste erotismo disciplinado importa menos o desejo e o prazer do que a verdade que se diz sobre o prazer e sobre as formas de obtê-lo.

Para uma genealogia do poder-sexo, Michel Foucault propõe duas chaves conceituais profundamente relacionadas: o *dispositivo da sexualidade* e a *scientia sexualis*. Por dispositivo da sexualidade Foucault entende um conjunto de práticas, instituições e conhecimentos que desde o século 18 fizeram da sexualidade um domínio coerente e uma dimensão absolutamente fundamental do indivíduo. Por *scientia sexualis* entende Foucault um conjunto de regras que disciplinavam os saberes sobre sexo e prazer, as quais levavam em conta uma biologia da reprodução humana ao lado de uma medicina do sexo. Estes tipos de saberes ordenavam o que era verdadeiro do que era falso sobre a sexualidade, diferentemente da *ars erótica*, bem vista e cultuada no Oriente, entre gregos, indianos e chineses<sup>5</sup>. A sexualidade que surge no século 19 não é senão um conjunto que une a técnica de obtenção da verdade (a confissão cristã da Idade Média) com uma discursividade própria (a Ciência Moderna). Essa dobradinha resulta em nada menos do que formas de regulamentação da sexualidade, ou seja, mecanismos de poder sobre o que se pode falar e pensar acerca do sexo. Melhor dizendo, uma política do corpo e da sexualidade através da definição prévia dos papéis sexuais para homens e mulheres. Normatizando os comportamentos, a *scientia sexualis* propõe, finalmente, a periferia da sexualidade, numa família de perversões: o homossexual, o pedófilo, o masoquista, o necrófilo, o masturbador, o tarado.

Ainda no século 18 e principalmente no século 19,

houve uma dispersão dos focos de discurso sobre o sexo, que antes eram restritos à Igreja. Houve uma explosão de discursos sobre sexo, que tomaram forma nas diversas disciplinas. A medicina, a psiquiatria, a justiça penal, a demografia, a crítica política também passam a se preocupar com o sexo. Analisa-se, contabiliza-se, classifica-se, especifica-se a prática sexual, através de pesquisas quantitativas ou causais<sup>6</sup>.

Esses discursos são realmente moralistas, mas isso não é o essencial. O essencial é que eles revelam a necessidade reconhecida de superar esse moralismo. Supõe-se que se deve falar de sexo, mas não apenas como uma coisa que se deve simplesmente coordenar ou tolerar, mas gerir, inserir em sistemas de utilidade, regular para o bem de todos, fazer funcionar segundo um padrão ótimo. O sexo não se julga apenas, mas administra-se. Portanto, regula-se o sexo não pela proibição, mas por meio de discursos úteis e públicos, visando fortalecer e aumentar a potência do Estado (que não significa aqui estritamente República, mas também cada um dos membros que o compõe). Um dos exemplos práticos dos motivos para se regular o sexo foi o surgimento da população como problema econômico e político, sendo necessário analisar a taxa de natalidade, a idade do casamento, a precocidade e a frequência das relações sexuais, a maneira de torná-las fecundas ou estéreis e assim por diante. Pela primeira vez, a fortuna e o futuro da sociedade estavam relacionados à maneira como cada pessoa usava o seu sexo. O aumento dos discursos sobre sexo pode, então, ter visado produzir uma sexualidade economicamente útil.

Da mesma forma em que o sexo passou a ser um problema para a demografia, também passou a despertar as atenções de pedagogos e psiquiatras. Na pedagogia, há a elaboração de um discurso acerca do sexo das crianças, enquanto, na psiquiatria, estabelece-se o conjunto das perversões sexuais. Ao se assinalar os perigos, despertam-se as atenções em torno do sexo. Irradiam-se discursos, intensificando a consciência de um perigo incessante - o que incita cada vez mais o falar sobre sexo.

O exame médico, a investigação psiquiátrica, o relatório pedagógico, o controle familiar, que aparentemente visam apenas vigiar e reprimir essas sexualidades periféricas, funcionam, na verdade, como

<sup>3</sup> Esta e outras boas histórias podem ser encontradas em (HALPERIN, 1995).

<sup>4</sup> Este conceito se encontra em (DELEUZE; GUATTARI, 1996).

<sup>5</sup> O *Kama Sutra* é um exemplo da *ars erótica*, cuja preocupação era a obtenção de prazer e não o controle sobre o que se pensa deste prazer.

<sup>6</sup> Leia os três volumes da *História da Sexualidade*, aqui no Brasil editados pelas editoras Graal e atualmente Forense.

mecanismos de dupla incitação: prazer e poder. "Prazer em exercer um poder que questiona, fiscaliza, espreita, espia, investiga, apalpa, revela; prazer de escapar a esse poder. Poder que se deixa invadir pelo prazer que persegue - poder que se afirma no prazer de mostrar-se, de escandalizar, de resistir" (FOUCAULT, 1984). Prazer e poder se reforçam. Pode-se afirmar, então, que um novo prazer surgiu: o de contar e o de ouvir. É a obrigação da confissão, que se difundiu tão amplamente, que já está tão profundamente incorporada a nós, que não a percebemos mais como efeito de um poder que nos coage. A confissão se diversificou e tomou novas formas: interrogatórios, consultas, narrativas autobiográficas. O dever de dizer tudo e o poder de interrogar sobre tudo se justificam no princípio de que a conduta sexual é capaz de provocar as conseqüências mais variadas, ao longo de toda a existência. O sexo aparece como uma superfície de repercussão para outras doenças. Mas pressupõe-se que a verdade cura quando dita a tempo e quando dita a quem é devido. Nas palavras do próprio Foucault:

Não se trata, claro, de negar a existência desta repressão. O problema é mostrar que a repressão se inscreve sempre em uma estratégia política muito mais complexa, que visa a sexualidade. Isto não é simplesmente haver repressão. Há, na sexualidade, um grande número de prescrições imperfeitas, no interior dos quais os efeitos negativos da inibição são contrabalançados pelos efeitos positivos da estimulação. A maneira pela qual, no séc. 19, a sexualidade foi certamente reprimida, mas também trazida à luz, acentuada, analisada por através de técnicas como a psicologia e a psiquiatria mostra claramente que não se trata de uma simples questão de repressão. Trata-se, antes, de uma mudança na economia das condutas sexuais de nossa sociedade<sup>7</sup>.

Michel Foucault constrói, portanto, uma nova hipótese acerca da sexualidade humana, segundo a qual esta não deve ser concebida como um dado da natureza que o poder tenta reprimir. Deve, sim, ser encarada como produto do encadeamento da estimulação dos corpos, da intensificação dos prazeres, da incitação ao discurso, da formação dos conhecimentos, do reforço dos controles e das resistências. As sexualidades são, assim, socialmente construídas. Assim como a hipótese repressiva, é uma explicação que funciona. Cada um que aceite a verdade que mais lhe convém. Ou invente novas verdades.

### 3 FOUCAULT E A TEORIA QUEER

Fortemente influenciados pelo pós-estruturalismo francês e pela psicanálise de Lacan, emerge assim a Teoria *Queer*, cuja principal inovação reside no desafio ao pressuposto até então dominante de uma identidade sexual de caráter homogêneo.

A Teoria *Queer* parte de cinco idéias centrais:

1. As identidades são sempre múltiplas, compostas por um número infinito de "componentes de identidade" — classe, orientação sexual, gênero, idade, nacionalidade, etnia, etc. — que se podem articular de inúmeras formas.
2. Qualquer identidade construída — como, de resto, todas são — é arbitrária, instável e excludente, uma vez que implica o silenciamento de outras experiências de vida. Na verdade, a afirmação de uma identidade, em vez de constituir um processo de libertação, obedece a imperativos estruturais de disciplina e regulação que visam confinar comportamentos individuais, marginalizando outras formas de apresentar o "eu", o corpo, as ações e as relações entre as pessoas. Seidman (1996, p. 20) formula este pressuposto quando afirma que as identidades são, em parte, "formas de controle social uma vez que distinguem populações normais e desviantes, reprimem a diferença e impõem avaliações normalizantes relativamente aos desejos"
3. Ao invés de defender o abandono total da identidade enquanto categoria política, a Teoria *Queer* propõe que reconhecamos o seu significado permanentemente aberto, fluído e passível de contestação, abordagem que visa encorajar o surgimento de diferenças e a construção de uma cultura onde a diversidade é acolhida. Portanto, o papel individual — como forma de capacitação — e coletivo — em termos políticos, jurídicos e de reconhecimento social — que a identidade pode desempenhar não é rejeitado.

<sup>7</sup> "Michel Foucault. An Interview with Stephen Riggins", ("Une interview de Michel Foucault par Stephen Riggins) realizada em inglês em Toronto, 22 de jun de 1982. (Traduzido a partir de FOUCAULT, M. *Dits et écrits*. Paris: Gallimard, 1994. p. 525-538, por Wanderson Flor do Nascimento).

4. A Teoria *Queer* postula que a teoria ou política de homossexualidade centrada no “homossexual” reforça a dicotomia hetero/homo, fortalecendo o atual regime sexual que estrutura e condiciona as relações sociais ocidentais. Neste sentido, a Teoria *Queer* visa desafiar tal regime sexual enquanto sistema de conhecimentos que coloca as categorias heterossexual e homossexual como pedras angulares das identidades sexuais. De fato, a Teoria *Queer* considera a hetero e a homossexualidade como “categorias de conhecimento, uma linguagem que estrutura aquilo que conhecemos sobre corpos, desejos, sexualidades e identidades” (SCHLICHTER, 2004).
5. Por fim, a Teoria *Queer* apresenta-se enquanto proposta de teorização geral sobre a sexualização de corpos, desejos, ações, identidades, relações sociais, conhecimentos, cultura e instituições sociais.

Para se pensar em sexualidade na Teoria *Queer* se faz necessário pensar paralelamente em identidades. Butler (2003, p. 30, os grifos do texto acima são autora) alega que a filosofia vê “identidade pessoal” centrada “nas características internas da pessoa, naquilo que estabelecerá sua continuidade ou auto-identidade no decorrer do tempo”, o que a leva a indagar: “em que medida as práticas reguladoras de formação e divisão de gênero constituem a identidade, a coerência interna do sujeito, e, a rigor, o status auto-idêntico da pessoa. /.../ E como as práticas reguladoras que governam o gênero também governam as noções culturalmente inteligíveis de identidade.” Ora, “sendo a ‘identidade’ assegurada por conceitos estabilizadores de sexo, gênero e sexualidade, a própria noção de ‘pessoa’ se veria questionada pela emergência cultural daqueles seres cujo gênero é ‘incoerente’ ou ‘descontínuo’” (os “anormais” de Foucault). E se gêneros inteligíveis são aqueles em que o gênero decorre do sexo e que a “‘expressão’ ou ‘efeito’ de ambos é a manifestação do desejo através da prática sexual”, certos tipos de identidade não poderiam existir. Contudo, é fato que existem indivíduos que não vivem segundo essas normas de continuidade entre sexo-gênero-prática sexual, o que desvela que a noção de heterossexualidade e das identidades de gênero são construtos sociais. Ainda partindo-se da premissa de Judith Butler, se gêneros inteligíveis são “expressão” ou

“efeitos”, então, são performances que produzem uma identidade que dizem expressar. Dessa forma, não há uma identidade pré-existente, não há masculinidade ou feminilidade verdadeiras e, portanto, outras performances podem existir. Contudo, performance não deve ser entendida como uma encenação. Performance é um processo de repetição de normas, regular e restrito, que permite a constituição do sujeito, ou seja, não é um ato realizado por uma pessoa. É um ritual, uma produção ritual social.

Para os teóricos da Teoria *Queer*, as identidades são múltiplas e se combinam. Com efeito, qualquer visão de construção identitária específica seria arbitrária e excludente. Sendo assim, a teoria contesta a existência de uma identidade homossexual, preferindo trabalhar com a transgressão e a rebelião permanentes (SEIDMAN, 1996). Entretanto, o objetivo não é abandonar a identidade como categoria, mas mantê-la aberta e sujeita à contestação. Metodologicamente, a tarefa é formular, dentro das estruturas de poder, uma crítica às categorias de identidade que as estruturas jurídicas contemporâneas engendram, naturalizam e imobilizam. *Queer* é um termo indeterminado, que marca a suspensão da identidade como algo fixo, coerente e natural. Também pode ser aplicado para descrever uma situação aberta cuja característica compartilhada não é a identidade em si, mas um posicionamento anti-normativo com relação à sexualidade. Pode, assim, incluir todos aqueles cujas identificações sexuais não sejam consideradas normais ou sancionadas.

Sendo *queer* um conceito, posso aqui fazer uma breve digressão sobre a noção de conceito como ferramenta de análise em Deleuze e Guattari (2000). Talvez a melhor definição de conceito na visão de Deleuze e Guattari (2000) seja a de que o conceito é um *dispositivo*, para usar o termo de Foucault, ou um *agenciamento*, para ficar com um termo próprio a nossos autores, O conceito é um operador, algo que faz acontecer, que produz. O conceito não é uma opinião; o conceito é mais propriamente uma forma de reagir à opinião generalizada. Assim, o conceito não deve ser procurado, pois não está aí para ser encontrado. O conceito não é uma “entidade metafísica”, ou um “operador lógico”, ou uma “representação mental”, O conceito é um dispositivo, uma ferramenta, algo que é inventado, criado, produzido, a partir das condições dadas e que opera no âmbito mesmo destas condições. O conceito é um dispositivo que faz pensar, que permite, de novo, pensar. O que significa dizer que o conceito não indica, não aponta uma suposta verdade, o que

paralisaria o pensamento; ao contrário, o conceito é justamente aquilo que nos põe a pensar. Se o conceito é produto, ele é também produtor: produtor de novos pensamentos, produtor de novos conceitos; e, sobretudo, produtor de acontecimentos, na medida em que é o conceito que recorta o acontecimento, que o torna possível. Desnaturalizar é sua estratégia principal.

Para Michel Foucault esses princípios de oposição binária acabam por consagrar a ordem estabelecida, causando a impressão de que a divisão entre os sexos é natural. Ao estabelecer essa oposição binária dos sexos, corpos machos x corpos fêmeas, como pré-discursiva, logo, natural, abre-se o caminho para outras oposições culturais, que se justificam por sua inscrição na natureza, alimentando a ilusão de realidade sempiterna. O corpo representado como natural, portanto, lugar de inscrição de significados culturais, permite a criação dos gêneros como correspondência de oposições binárias naturais, impedindo a compreensão de gêneros que não se baseiem em corpos. Assim, fica estabelecida uma matriz cultural de inteligibilidade pautada em oposições de gênero que, por sua vez, estão pautadas em oposições de sexo, que seria natural e, dessa forma, indiscutível. Entretanto, segundo Foucault as oposições são construções sociais, logo, o sexo como oposição também é uma construção social. Então, a relação sexo/natureza como base para a relação gênero/cultura não é verdadeira. Perseguindo nesse raciocínio, se sexo está para a cultura como gênero está para cultura, um não pode ser inscrição sobre o outro. Dessa maneira, fica desvelada a falácia da matriz cultural de inteligibilidade que estabelece linhas causais ou expressivas de ligação entre sexo biológico, o gênero culturalmente constituído e a expressão ou efeito de ambos na manifestação do desejo sexual por meio da prática sexual<sup>8</sup>.

A oposição binária heterossexualidade x homossexualidade é também pautada, em última análise, em corpos sexuados e suas relações com gêneros. O mesmo raciocínio aplicado anteriormente cabe aqui, ou seja, não existem heterossexualidade ou homossexualidade verdadeiras, não são substâncias, mas construções sociais. Não adianta os cientistas americanos buscarem um gene gay, assim como não adiantou ao clero tipificar o comportamento homossexual como algo demoníaco.

#### 4 CORPOS SEM SEXO E SEXO SEM CORPOS

Foucault, em seu livro "A Vontade de Saber", o primeiro volume de sua "História da Sexualidade", logo no capítulo inicial, discute o que ele chama de hipótese repressiva. Pergunta se a repressão sexual seria um fenômeno característico da Idade Clássica, como até hoje muitos acreditam considerando o nosso século como a era da grande liberação. Enfim, de que repressão se trata e de que liberação se fala?

Segundo a hipótese repressiva, com a qual se costuma pensar e em que se baseiam muitas posturas frente à questão da sexualidade, a partir do século 18 um crescente puritanismo passa a vigorar. Reduz o sexo ao utilitário e fecundo, permitindo portanto, como única manifestação possível, a sexualidade do casal monogâmico, legítimo e procriador. Sobre as sexualidades periféricas e estéreis teria sido imposto um silêncio geral, uma intensa repressão.

Foucault propõe uma leitura mais rica desta relação poder-sexualidade. Não nega que em muitos momentos houve repressão. Mas a dinâmica é mais complexa, mais sutil, mostrando que ocorreu uma dominação das pessoas através do controle, de técnicas de sujeição, de métodos de individuação e de observação. Poderia dizer ata que houve uma naturalização dos comportamentos.

Assim, ao invés de só repressão, o que aconteceu a partir do século 18 em relação à mulher, por exemplo, foi que para atender a uma necessidade histórica (a importância da população como índice de riqueza e como mão de obra) tornou-se necessária a preservação da vida e a educação adquiriu um caráter prioritário para os filhos de uma burguesia emergente. Devido a essa necessidade, a mulher começou a ser alvo de discursos tanto filosóficos como médicos. Investe-se de sexualidade seu corpo, reduzindo-a a uma sexualidade frágil e muitas vezes patológica, processo que Foucault chama de a histerização da mulher, e que torna o corpo feminino um objeto médico por excelência. A identidade feminina passa a ser sinônimo de fragilidade, doação, passividade, delicadeza. Através desse relacionamento entre medicina e mulher, esta ganha uma posição de destaque, como figura de apoio para a entrada das ordens/normas médicas no lar, que se higieniza e se

<sup>8</sup> Esse mesmo raciocínio é acompanhado por Butler (2003) em vários de seus textos. O mesmo posso dizer de Seidman (1996).

disciplinaria. A matriz-mãe se refere à educadora, à cuidadora, presentes nos manuais de puericultura que proliferavam no final do século 19, atingindo seu ápice no mundo pós-segunda guerra mundial.

Interessante, também, pensar o que aconteceu em relação às crianças. No início do século 18, repentinamente, começa-se a dar uma enorme importância à masturbação infantil. Esta passa a ser tratada como uma epidemia capaz de comprometer a saúde e o desenvolvimento para uma vida adulta. Esta sexualização vai demandar uma rede de vigilância da família e da escola sobre a criança, permitindo, e isto é o que importa, uma reorganização nas relações intra-familiares e entre as crianças e adultos. Uma série de observações e conhecimentos são possíveis; outros lucros operatórios são atingidos como maior controle sobre a vida das crianças e da família; inicia-se uma disciplinarização da vida escolar e da casa. Aulas de catecismo incluíam, assim, a masturbação como pecado a ser declarado. Libretos e manuais de confissão para as crianças e jovens incluíam esta prática como pecado. A Medicina, por sua vez, começou a tratar a masturbação como mania, como tara e como doença. Foucault assim descreve os colégios do século 18:

Visto globalmente, pode-se ter impressão de que aí, praticamente não se fala em sexo. Entretanto, basta atentar para os dispositivos arquitetônicos, para os regulamentos de disciplina e para toda organização interior: lá se trata continuamente de sexo. Os construtores pensaram explicitamente nisso. Os organizadores levaram-no em conta de modo permanente. Todos os detentores de uma parcela de autoridade se colocaram num estado de alerta perpétuo... O espaço da sala, a forma das mesas, o arranjo dos pátios de recreio, a distribuição dos dormitórios (com ou sem separação, com ou sem cortina), os regulamentos elaborados para vigilância do recolhimento e do sono, tudo fala da maneira mais prolixa da sexualidade das crianças. O que se poderia chamar de discurso interno da instituição articula-se, em grande parte, sobre a constatação de que essa sexualidade existe: precoce, ativa, permanente (FOUCAULT, 1988, p. 54).

Em relação às sexualidades periféricas há uma psiquiatrização do prazer "perverso" com o aparecimento, no século 19, de um sem número de classificações diagnósticas, classificações estas que selam nos indivíduos uma identidade específica, agora patológica.

Em relação à sexualidade, Foucault dirá:

Não se deve descrever a sexualidade como um ímpeto rebelde, estranha por natureza e indócil por necessidade a um poder que, por sua vez, esgota-se na tentativa de sujeitá-la e muitas vezes fracassa em dominá-la inteiramente. Ela aparece mais como um

ponto de passagem particularmente denso pelas relações de poder: entre homens e mulheres, entre jovens e velhos, entre pais e filhos, entre educadores e alunos, entre padres e leigos, entre administração e população. Nas relações de poder, a sexualidade não é o elemento mais rígido, mas um dos dotados de maior instrumentalidade, utilizável no maior número de manobras e podendo servir de ponto de apoio, de articulação às mais variadas estratégias (FOUCAULT, 1988, p. 67).

E ele continua:

A sexualidade é o nome que se pode dar a um dispositivo histórico: não à realidade subterrânea que se apreende com dificuldade, mas à grande rede da superfície em que a estimulação dos corpos, a intensificação dos prazeres, a incitação ao discurso, a formação dos conhecimentos, o reforço dos controles e das resistências, encadeiam-se uns aos outros, segundo algumas grandes estratégias de saber e poder (FOUCAULT, 1988, p. 67).

Sobre os corpos, os prazeres, as sensações, estende-se uma teia, uma rede de diversos elementos (discursos, leis, ciências, moral, medidas, exortações médicas, psicológicas, filosóficas etc.) que é o dispositivo da sexualidade. A nossa sociedade produziu, a partir do século 19, a *scientia sexualis* que guarda como núcleo o singular rito da confissão, que pouco a pouco de desvincula do rito da penitência da Igreja e emigra para a pedagogia, para a relação entre adultos e crianças, para as relações familiares, para a medicina e a psiquiatria. Através da escuta clínica e do seu registro constitui-se um grande arquivo dos prazeres sexuais individuais. Pela primeira vez, segundo Foucault, uma sociedade se inclinou a solicitar e a ouvir a própria confiança dos prazeres individuais.

O dispositivo da sexualidade vai se fixar no vínculo entre o sujeito e si mesmo e é o aspecto mais importante que este novo procedimento empresta do antigo dispositivo da "carne", imposto pela Igreja. O exame de consciência que deve penetrar no mais íntimo e profundo do nosso ser não foi somente um meio de proibir o sexo, mas de colocá-lo no centro de nossa existência, no centro das relações do sujeito consigo mesmo. E através deste exame deve-se buscar a sexualidade nos desejos, fantasias, sonhos, o que nos fez tornar sujeitos ao controle e ligados socialmente através de uma identidade sexual. Assim o sexo, ao longo da história, torna-se chave de nossa individualidade e o selo de nossa identidade.

Ler Foucault, portanto, é buscar formas de pensamento e de ação. Na lógica deleuziana, ao percebermos algo e denominá-lo, usamos uma

ferramenta conceitual. Como ferramenta, ela sempre precisa de ajustes que a tornem mais acurada. E como ferramenta, ela abre, disseca, expõe e transforma.

Tenho lidado com um conceito que criei a partir de tantas leituras: a matriz masculina. Como toda matriz, ela sobrevive de alimentação e retroalimentação constantes. A matriz masculina ainda hoje presente se retroalimenta de mecanismos de saber-poder existentes em diferentes discursos. Identidades sexuais rígidas, biologizadas, instituídas por uma Ciência que tem como centro o homem, o masculino, só seriam capazes de alimentar a matriz masculina com novas identidades masculinas. A gramática, a língua, os afazeres domésticos, os papéis sociais, o fazer cotidiano, os livros didáticos, os meios de comunicação, as músicas, as religiões, tudo isto alimenta de masculinidades a matriz masculina. Até os movimentos libertários como o movimento feminista e o movimento gay estão cheios de dicotomias (homem-mulher; ativo-passivo) que engordam os conceitos com os quais a matriz masculina sobrevive.

Presentes nesta, mas de maneira periférica, se acham as diferenças: as mulheres que dizem não, os rebeldes, os sexo-diferentes. É tão radical esta matriz que mesmo entre estes diferentes há uma escala de valores que tende a reproduzir tudo o que eles negam, ou seja, reproduzem também a matriz masculina. Vejam, por exemplo, alguns espaços gays. O passivo sexualmente (existe isso?), a afeminado, o frágil, o magricela, são, na maioria das vezes, figuras rejeitadas pelos próprios gays que com estes não se identificam. Há, por certo, uma masculinização também presente nos diferentes que objetiva torna-los iguais, iguais aos demais que dão forma e sentido à matriz masculina. A Teoria Queer vem, neste sentido, buscando quebrar estes conceitos dicotômicos que nos direcionam para identidades sexuais pré-definidas no espaço-tempo.

Para mim, as teses de Foucault são mais do que explicações teóricas. São fontes vivas de uma ação cotidiana contra toda sorte de conceitos rígidos que encarceram idéias e, principalmente, indivíduos. Os temas-conceitos de Foucault são ferramentas de resistência!

## REFERÊNCIAS

BUTLER, J. *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

DELEUZE, G.; GUATTARI, F. *O que é filosofia*. São Paulo: Editora 34, 2000.

\_\_\_\_\_. *Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia*. Rio de Janeiro: Editora 34, 1996.

FOUCAULT, M. *Ditos e escritos V: ética, sexualidade, política*. Rio de Janeiro: Forense, 2004.

\_\_\_\_\_. *História da sexualidade I. a vontade de saber*. 10. ed. Rio de Janeiro: Graal, 1988.

\_\_\_\_\_. *História da sexualidade II. O uso dos prazeres*. 6. ed. Rio de Janeiro: Graal, 1984.

HALPERIN, D. M. *Saint Foucault: towards a gay hagiography*. Oxford: OUP, 1995.

LUCEY, M. Herculine Barbin, the mysterious hermaphrodite *GLQ: A Journal of Lesbian and Gay Studies*. v. 7, n.1, p. 31-86, 2001.

SEIDMAN, S. *Queer theory: sociology*. Oxford: Blackwell, 1996.

SCHLICHTER, A. Queer at last: straight Intellectuals and the desire for transgression. *GLQ: A Journal of Gay and Lesbian Studies*, v. 10, n. 4, p. 543-564, 2004.

---

Recebido em outubro de 2010.

Revisado e aprovado em outubro de 2010.

---